

A comunicação assertiva como condição para a aprendizagem significativa

Assertive communication as a condition for meaningful learning

La comunicación asertiva como condición para el aprendizaje significativo

Recebido: 17/08/2022 | Revisado: 29/08/2022 | Aceito: 01/09/2022 | Publicado: 05/09/2022

Maria Dos Santos Guimarães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3705-585X>

Universidade de Cuiabá, Brasil

E-mail: mariaguimaraes_estetica@yahoo.com.br

Cilene Maria Lima Antunes Maciel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4606-802X>

Universidade de Cuiabá, Brasil

E-mail: cilenemlamaci@gmail.com

Resumo

Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado do Programa PPGEEn UNIC/IFMT, já concluída e desenvolvida com objetivo de compreender a relevância da comunicação como impulsionadora das relações professor-aluno para a Aprendizagem Significativa no contexto do ensino fundamental. Trata-se de um estudo de caso em que entrevistas semiestruturadas roteirizadas são utilizadas como instrumento de coleta de dados para interpretação dos dados por meio da análise de conteúdo. Foram realizadas entrevistas com professores e alunos de 2 (duas) escolas públicas de educação básica de Várzea Grande, Mato Grosso. No presente artigo, consideraram-se as análises dos relatos obtidos pelos discentes. Os resultados da pesquisa sugerem que a comunicação confiante e com foco na relação professor-aluno precisa ser priorizada como ferramenta relevante no ensino e utilizada pelos professores em benefício próprio, fazendo com que os alunos se sintam importantes e, assim, desenvolvam sua auto-estima, resultando em maior interesse pelo assunto e maior desenvolvimento intelectual. No cotidiano de sala de aula a comunicação é imprescindível para o desempenho dos processos de interação existentes entre professor e aluno. Para os discentes entrevistados, isso só é possível se o professor realizar abertura de espaço para que o aluno possa se expressar, e é por meio de tal atitude que se proporciona ganhos relacionados ao autoconhecimento e a autoconfiança levando assim o aluno a adquirir autonomia.

Palavras-chave: Comunicação; Autoestima; Aprendizagem significativa; Educação básica; Práticas de ensino.

Abstract

This is an excerpt from the master's research of the PPGEEn UNIC/IFMT Program, already completed and developed with the objective of understanding the relevance of communication as a driver of teacher-student relationships for Meaningful Learning in the context of elementary education. This is a case study in which scripted semi-structured interviews are used as a data collection instrument for data interpretation through content analysis. Interviews were conducted with teachers and students from 2 (two) public elementary schools in Várzea Grande, Mato Grosso. In the present article, the analyzes of the reports obtained by the students were considered. The research results suggest that confident communication and focused on the teacher-student relationship needs to be prioritized as a relevant tool in teaching and used by teachers for their own benefit, making students feel important and, thus, develop their self-esteem, resulting in greater interest in the subject and greater intellectual development. In the daily classroom, communication is essential for the performance of the interaction processes existing between teacher and student. For the students interviewed, this is only possible if the teacher makes space for the student to express himself, and it is through such an attitude that gains related to self-knowledge and self-confidence are provided, thus leading the student to acquire autonomy.

Keywords: Communication; Self-esteem; Basic education; Teaching practices.

Resumen

Este es un extracto de la investigación de maestría del Programa PPGEEn UNIC/IFMT, ya concluida y desarrollada con el objetivo de comprender la relevancia de la comunicación como motor de las relaciones docente-alumno para el Aprendizaje Significativo en el contexto de la educación básica. Este es un estudio de caso en el que se utilizan entrevistas semiestructuradas con guión como instrumento de recopilación de datos para la interpretación de datos a través del análisis de contenido. Se realizaron entrevistas con profesores y alumnos de 2 (dos) escuelas primarias públicas de Várzea Grande, Mato Grosso. En el presente artículo se consideraron los análisis de los informes obtenidos por los estudiantes. Los resultados de la investigación sugieren que la comunicación confiada y enfocada en la relación docente-alumno debe ser priorizada como una herramienta relevante en la enseñanza y utilizada por los docentes en beneficio propio, haciendo que los alumnos se sientan importantes y, por ende, desarrollen su autoestima.

en un mayor interés por el tema y un mayor desarrollo intelectual. En el día a día del aula, la comunicación es fundamental para el desempeño de los procesos de interacción existentes entre docente y alumno. Para los estudiantes entrevistados, esto solo es posible si el docente abre espacios para que el estudiante se exprese, y es a través de esa actitud que se brindan ganancias relacionadas con el autoconocimiento y la confianza en sí mismo, lo que lleva al estudiante a adquirir autonomía.

Palabras clave: Comunicación; Autoestima; Educación básica; Prácticas de enseñanza.

1. Introdução

O presente estudo constitui-se de um recorte da pesquisa de mestrado do Programa PPGEn UNIC/IFMT, já finalizada, tendo em vista compreender a relevância da Afetividade como condição para Aprendizagem Significativa no âmbito da Educação Básica. Para tanto parte-se do princípio que, a relação entre professor e aluno, segundo Kieckhoefel (2011), deve ser sempre baseada no diálogo e respeito a ideia um do outro, ouvir e falar como condição da compreensão e entendimento para que ambos cresçam e possam fazer sua reflexão sobre o que pensam e dizem.

As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendizado tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens (Rodrigues, 1976, p. 179).

Nesse contexto compreende-se que quando há afetividade no processo educativo, a capacidade de desenvolvimento do aluno, em todos os âmbitos acontecerão com qualidade, pois ao ter uma criança ou adolescente que recebe todo amor o seu aprendizado acontece e a relação com meio social é solidificada. No entanto, a afetividade no ambiente escolar, tende a ficar em segundo plano, dando-se ênfase quase que exclusivamente aos aspectos cognitivos, o processo atual de ensino-aprendizagem tem colaborado para uma aprendizagem meramente mecânica, onde os educandos são condicionados a “decorar” uma diversidade de conceitos, assim, ofuscando o pensar.

Frente ao exposto, Ausubel (1963), sugere que para promover a Aprendizagem Significativa é preciso considerar os conhecimentos já apreendidos pelos alunos, bem como a organização cognitiva desses, na mente dos estudantes. É importante entender que esse aluno consegue trazer informações e conhecimentos que, muitas vezes, nem o próprio professor possui. E, quando a escola potencializa essa capacidade, a aprendizagem exhibe um melhor resultado. Isso significa, que no momento em que o docente valoriza os conhecimentos prévios dos educandos, os mesmos sentem-se muito mais motivados a buscarem conhecimento.

Considerando que um professor é, também, um líder e a escola é o ambiente propício para compartilhar experiências e conhecimentos devem existir uma sinergia entre estes dois atores, onde professor e aluno se complementem e se desenvolvam de forma mútua (Pérez, 2014). Nesse sentido, compreende-se que, ser ouvido na essência é base para tal inter-relação, pois é nesse momento que se encontram os pedidos de apoio e orientação. Ainda complementa o autor Pérez (2014), que quando o aluno adquire confiança e se sente ouvido e considerado enquanto parte essencial do processo educativo irá abrir-se plenamente, oferecendo, assim, ao professor informação suficiente para ajudá-lo a alcançar os seus objetivos.

Compreende-se, portanto, que para haver uma aprendizagem, a presença do professor na vida dos seus alunos é importante, precisa ter a sensibilidade de ouvir seu aluno, conhecer sua realidade e criar um clima afetivo na sala de aula, haja vista que existe um paralelo entre afetividade e a cognição, o que possibilita ao educando desenvolver sua autoestima, contribuindo para estimular a aprendizagem. Os adultos possuem um relevante papel nesse desenvolvimento tanto na escola como em casa.

2. O Processo Ensino-aprendizagem e a Comunicação Assertiva

Para haver uma aprendizagem à comunicação na sala de aula e em todo o espaço escolar, deve ser encarado como uma ferramenta essencial no processo de interação professor-aluno, envolvendo fatores muito complexos, pelo que nunca se deve limitar a uma partilha de informação unilateral. Paulo Freire (2013), em sua obra intitulada “Comunicação ou Extensão”, disserta sobre a escolha metodológica dos educadores e defende que a educação se dá pela troca, pelo diálogo, pela comunicação e pelo aprendizado mútuo.

Segundo Lidoino; dos Santo e de Arruda Reis, G. (2020) ser professor é viver o desafio diário de ser aprendiz, porque só ensina quem aprende. Essa é a essência do fenômeno da produção de saberes, uma vez que o ensino é uma estrada de duas vias. Em uma delas, estão as atividades didáticas a experiência de vida e grande parte dos conteúdos e valores que devem ser ensinados pelo professor. Na outra, estão os esquemas, conjecturas dos alunos e o que ele já sabe sobre aquela lição. Sendo assim o professor precisa saber tudo isso para melhor trabalhar com seu aluno, e de forma consciente e prazerosa aprender também com ele.

Muitas vezes a comunicação na relação professor-aluno pode se mostrar complicada, visto que a escola é um ambiente de convívio misto e de opiniões e saberes distintos. E como de costume uma sala de aula se apresenta com diversas particularidades. Afinal de contas são culturas, costumes, classes sociais, educações, pensamentos, valores, limites físicos e psicológicos, formas de se expressar e compreender que se diferem e são particulares. Assim, de acordo com Ausubel; Novak e Hanesian (1980, p 5),

[...] é essencial levar-se em consideração as complexidades provenientes da situação de classe de aula, estas no que lhe concerne, incluem a presença de muitos alunos de motivação, prontidão e aptidões desiguais; as dificuldades de comunicação entre professor e aluno; as características particulares de cada disciplina que esta sendo ensinada; e as características das idades dos alunos.

Visto dessa forma, em sala de aula, a comunicação oral demanda uma constante avaliação e adequação por parte do professor, como facilitador da interação com o aluno. Nesse sentido, cabe também que o docente lance mão de toda a sua criatividade para que se possa estabelecer uma boa comunicação com seus alunos para avaliar os vários cenários presentes, tendo em vista favorecer a aprendizagem. “O erro habitual”, conforme assevera Pérez (2014, p. 34), “é querer falar primeiro e expressar o nosso ponto de vista a todo o custo, o que nos leva a concentrarmo-nos unicamente na ideia que queremos transmitir e não no que estão a dizer-nos”, deste modo prejudicando a comunicação de forma bastante severa.

Guimarães e Maciel (2021), discorrem que, é por meio da comunicação, do diálogo, entre professor e aluno, que surge a afetividade propiciando assim a troca de conteúdo entre os mesmos, gerando um processo de conhecimento mais envolvente, fazendo com que os alunos sejam motivados; e, haja maior compreensão do conteúdo, evidenciando a Aprendizagem Significativa.

Portanto, não basta o professor apresentar conteúdos no intuito de favorecer a aprendizagem, nem tão somente o escutar do aluno para aprender. Na visão dos atores Freire e Faundez (1998, p. 49), um bom diálogo envolve comunicação, curiosidade, busca, descoberta e experienciación a partir da realidade num processo contínuo de estímulo a perguntas, em torno da sua própria prática e respostas que envolvam a ação que provocou a pergunta. Pergunta baseada e decorrente de um conteúdo programático, intencionalmente desenvolvido para fomentar e desenvolver o pensar.

Em face do exposto, Pérez (2014, p. 42), adverte que, dominar a arte de perguntar é de vital importância para que o professor leve o aluno a descobrir por si próprio a resposta acerca de uma questão. E, deste modo fazer com que ele entenda que a sua participação é importante para atingir as suas metas e que “a sua motivação e o seu esforço são essenciais...” no processo ensino-aprendizagem. Na visão do autor, o aluno precisa sentir-se pertencente, sentir-se parte, para que seu aprendizado faça sentido e permita-lhe um ambiente que favoreça uma visão positiva de si mesmo. No tocante a isso, a

comunicação pode ser considerada a ferramenta mais poderosa que possuímos. O ser humano tem a necessidade de ser ouvido, transmitir mensagens, pensamentos e emoções as outras pessoas.

Ainda segundo Pérez (2014), uma característica de suma importância necessária em um professor, é que este sempre se empenhe em ouvir a todos na essência, considerando as opiniões e sugestões de seus alunos. Não apenas repassar seu conhecimento, mas saber receber os conhecimentos e as experiências compartilhadas pelos alunos, prestar atenção e perceber as necessidades destes, ou seja, gerar aprendizado e desenvolvimento. Desta maneira, a aprendizagem constitui-se em um processo onde não existe uma só relação, onde o professor ensina e o aluno aprende, na realidade trata-se de um processo circundante; onde o educador ensina e aprende em simultâneo e vice-versa, da mesma maneira que o aluno aprende, mas também ensina ao professor.

3. Correlações entre Autoestima e Afetividade na Comunicação Assertiva

Os educadores possuem uma grande responsabilidade de observar o que o aluno pensa de si mesmo, ou seja, a sua autoestima. Caso seja positiva, o indivíduo tem uma boa imagem de si, acredita que os outros gostam e confiam nela. Ao contrário, quando negativa, pensa que não é capaz, não acredita em si mesma e considera que não sabe fazer nada direito. Tiba (1998), define a autoestima como o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento. Relacionando esta questão com o ambiente escolar, é importante refletir que os professores possuem grande responsabilidade nessa tarefa, visto que é um sujeito próximo da criança ou do adolescente e coordenam grupo de estudantes, onde há diversos sujeitos que dependem de sua atuação, sua figura e ajuda para construir seus conhecimentos. Por isso pode se tornar um referencial para a construção da autoestima.

Um aluno que está engajado está estimulado para novos conhecimentos, estabelecendo uma ligação com as atividades bem como assimilando com exatidão o conteúdo, já os alunos desmotivados geralmente mostram baixo rendimento e desviam sua atenção com mais facilidade (Fonseca et al, 2020).

De acordo com De Paula e Paula Neto (2016), quando se estabelece uma relação empática, naturalmente se desperta maior interesse pelo conteúdo a ser apresentado. As autoras compreendem empatia como sendo a capacidade de sentir aquilo que outro pode vivenciar. Nesse sentido, o professor que trabalha com a autoestima do aluno, consegue valorizar o que ele traz, sem qualquer ironia ou humilhação. Tiba (1996, p. 187), observa que, respeito e elogios, favorecem o desenvolvimento da autoestima, tanto da turma como de cada aluno individualmente; segundo o autor, “é por isso que os alunos vão cada vez melhor naquilo que fazem bem. Em contrapartida, tudo que diminui a autoestima é abandonado, portanto, o indivíduo tende a piorar naquilo que vai mal”. Para Santos e Lopes (2020, p. 536):

O conceito de afetividade no recinto escolar contribui para romper limites, aproximar professor e aluno, promover o ensino e aprendizagem. O afeto é uma interação que proporciona uma relação de confiança, respeito e admiração, eleva-se a autoestima tornando as buscas pelo saber mais interessante, fazendo com que o processo de aprendizagem e ensino vá além do transmitir e absorver conhecimento.

Sendo assim o docente que oferece uma maior atenção aos seus alunos, acompanhando o seu desempenho escolar, e, sobretudo, acreditando nas capacidades de seus educandos, mostrando por meio do respeito, que errar é algo comum e faz parte do processo de construção do conhecimento, gera dessa maneira o respeito mútuo e os limites estarão presentes para valoração dos espaços. Portanto, para ser afetuoso não é necessário dizer sim sempre, haja vista que o afeto se encontra presente no ato, seja em um afago ou em uma negação, seja ainda em um elogio ou, até mesmo, em uma repreensão.

Para Piaget (1976, p. 16), o afeto é imprescindível para o raciocínio e o desenvolvimento da inteligência, pois,

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Na teoria de Henri Wallon (1968), a dimensão afetiva é destacada significativamente na construção da pessoa e do conhecimento. Afetividade e inteligência, apesar de terem funções definidas e diferenciadas, são inseparáveis na evolução psíquica. Entre o aspecto cognitivo e afetivo existe oposição e complementariedade. Para o autor, dependendo da atividade, existe uma preponderância do afetivo ou do cognitivo. Não se trata da exclusão de um em relação ao outro, mas sim de alternâncias em que um submerge para que o outro possa emergir. Na escola essas relações acontecem o tempo todo, através dos conflitos e oposições ou do diálogo e da interação.

Para Mahoney e Almeida (2007, p. 26), “quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor”. Portanto, embora existam vários obstáculos, é preciso encontrar brechas para se desenvolver na prática a afetividade no processo educacional.

Nas séries iniciais a afetividade é mais comum, porém, deve ser constante e permanentemente trabalhada em todo o processo educacional, mesmo que de modo menos intenso (Sousa; Santos e Valverde, 2016). O professor deve propiciar, ao educando, oportunidades para realizar as atividades conforme suas possibilidades e com confiança em sua capacidade.

4. Metodologia

Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado do Programa PPGEn UNIC/IFMT, concluída, visando compreender a relevância da Afetividade como condição para Aprendizagem Significativa no âmbito da Educação Básica. No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Cuiabá (UNIC), sob parecer nº 4.560.112. Foi preservado o anonimato dos participantes, adotando-se códigos para identificação dos relatos.

Na pesquisa científica, planejar significa traçar o curso de ação que deve ser seguido no decorrer do processo da investigação; portanto, planejar subentende prever as possíveis alternativas existentes para se executar a pesquisa, assim, desenvolvendo o desenho dessa pesquisa. Conforme explicam Ferenhof e Fernandes (2016), o conceito de desenho de estudo envolve a identificação da abordagem metodológica utilizada para responder a uma determinada questão, implicando, assim, a definição das características básicas do estudo, como sejam, a população e a amostra a serem estudadas, a unidade de análise, a existência ou não de intervenção direta sobre a exposição, a existência e tipo de seguimento dos indivíduos, entre outras.

Assim, o presente estudo, constitui-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso com discentes e docentes no âmbito da Educação Básica. Foram entrevistados 8 (oito) docentes e 24 (vinte e quatro) discentes, de 2 (duas) escolas da rede pública, do município de Várzea Grande, Estado de Mato Grosso. Adotou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista com roteiro semiestruturado, tendo em vista se dispor de questões acerca da investigação realizada (Tabela 1).

Tabela 1: Roteiro elaborado para entrevista com os alunos.

-
1. A afetividade do professor favorece a sua aprendizagem?
 2. Uma comunicação mais clara facilita a sua aprendizagem?
 3. Ser ouvido com atenção, cria uma oportunidade para você aprender?
 4. A proximidade entre você e o professor, favorece a sua aprendizagem?
 5. Valorizar o seu conhecimento tem influência na sua aprendizagem?
-

Fonte: Autores.

O caráter exploratório assumido por essa pesquisa tem como foco a compreensão dos significados da temática estudada, assim como, a sua influência no contexto social de cada indivíduo e coletivamente, a partir daí, constituindo-se uma investigação ampla e bastante minuciosa, a qual demanda do pesquisador seriedade e rigor no decorrer do desenvolvimento do estudo (Gil, 2008).

Quanto a abordagem qualitativa conferida ao estudo, explica Minayo (2010, p. 57),

[...] se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões, as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos. [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Corroborando do acima exposto, Bauer; Gaskell e Allum (2008), salientam que no decorrer da realização de uma pesquisa qualitativa, o pesquisador terá que tomar alguns posicionamentos em relação aos sujeitos a serem pesquisados, haja vista que haverá determinados momentos que se deverá estipular certos seguimentos ao custo de se ignorar outros.

Como antes mencionado, adotou-se como instrumento de pesquisa roteiro de entrevista semiestruturada. De modo geral, a técnica da entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2011), tem como finalidade a obtenção de respostas válidas e informações pertinentes a determinado assunto. Mediante a técnica da entrevista, o pesquisador pode levar o entrevistado a uma penetração maior em sua própria experiência, assim, explorando áreas importantes, mas não previstas no roteiro de perguntas.

Diante da significativa quantidade de informações obtidas nas entrevistas de áudio, gravadas com auxílio de aparelho celular tipo *Smartphone*, que posteriormente foram devidamente transcritas, partiu-se para a análise das mesmas. Tendo em vista realizar o tratamento dos dados coletados na presente pesquisa, recorreu-se a técnica de Análise de Conteúdo, sendo posteriormente, interpretados à luz do referencial teórico de forma atender aos objetivos propostos para esta pesquisa. A Análise de Conteúdo é, no entendimento de Santos (2012), uma leitura “profunda”, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico, tendo como objetivo a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores.

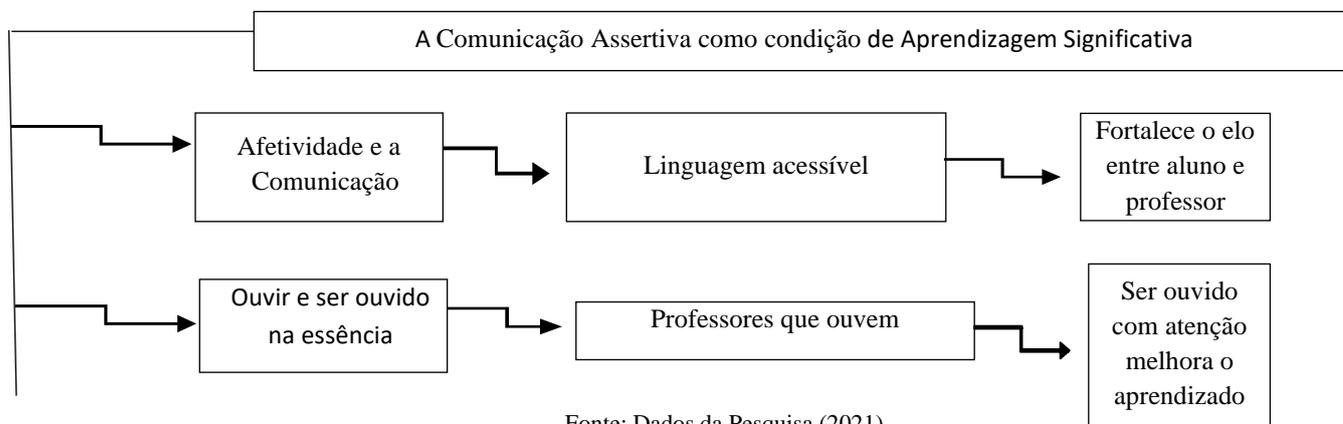
No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Cuiabá (UNIC), sob parecer n.º 4.560.112. Foi preservado o anonimato dos participantes, adotando-se códigos para identificação dos relatos.

5. Resultados e Discussão

Para o desenvolvimento desta pesquisa, recomenda-se apenas a análise dos relatos obtidos pelos alunos. Para atingir os objetivos propostos, os discursos são divididos em 2 (duas) categorias, em seguida explicados de acordo com os referenciais teóricos.

Assim, a Figura 1, apresenta uma taxonomia desenvolvida para análise com base nas recomendações da pesquisa, a saber, “A comunicação assertiva como condição da aprendizagem significativa”. Sobre isso, Freire (2005), defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres.

Figura 1 - Categorias de análises.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Sendo assim, a análise das declarações, Tabela 2, fornecidas para a presente pesquisa, corroboram como Hilário (2004), defende que o desenvolvimento de capacidades relacionais, através da relação pedagógica saudável é fundamental para a formação de futuros adultos equilibrados emocionalmente. Para tanto, as falas em destaques, a seguir apresentam os excertos das respostas dadas pelos discentes, quando questionados sobre a influência da afetividade no processo de aprendizagem.

Tabela 2 - Categoria 1 - A Afetividade e a Comunicação na Aprendizagem Significativa.

Categorização	Excertos das respostas
Afetividade e a Comunicação	A1- “Sim, porque o aluno se sente mais à vontade para fazer as suas
	A2- “[...] a professora de português, ela me ajudou muito, ela entendia o que eu falava e explicava num linguajar que eu poderia entender”.melhor forma de desenvolver o aluno [...]”
	A6 – “Quando você ensina alguém com todo afeto e carinho, eu acho que aprendizagem se torna 100% melhor”.
	A10 – “[...] se você não tiver uma boa aproximação, uma boa conversa com o seu professor, cê não consegue desenvolver as atividades não consegui tirar suas dúvidas e vai ficar ali com medo de não conseguir ir pra frente”.
	A13- “Sim. Quando um professor tem mais afetividade em ensinar um aluno é mais fácil de o aprendizado evoluir, [...]”.
	A19- “Sim. Porque o relacionamento entre professor e aluno tem que ser melhor possível”.
	A24 – “[...] a afetividade dos professores [...] é muito importante para o aprendizado não só do aluno, mas também do professor, ele precisa ter carisma e ser afetivo [...] isso dá mais confiança e fortalece o elo de aluno e professor”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

De forma geral, as respostas dadas pelos alunos descrevem como ações docentes afetivas, a maneira do professor se relacionar com seus alunos, entender suas dificuldades e necessidades, estar preocupado com seu bem-estar, ter respeito e profissionalismo. Sobre isso, De Paula e Paula Neto (2016), lembram que a afetividade é um elemento imprescindível para uma boa comunicação, pois, a comunicação se dá em um ambiente interacional, isto é, nas relações interpessoais. Portanto,

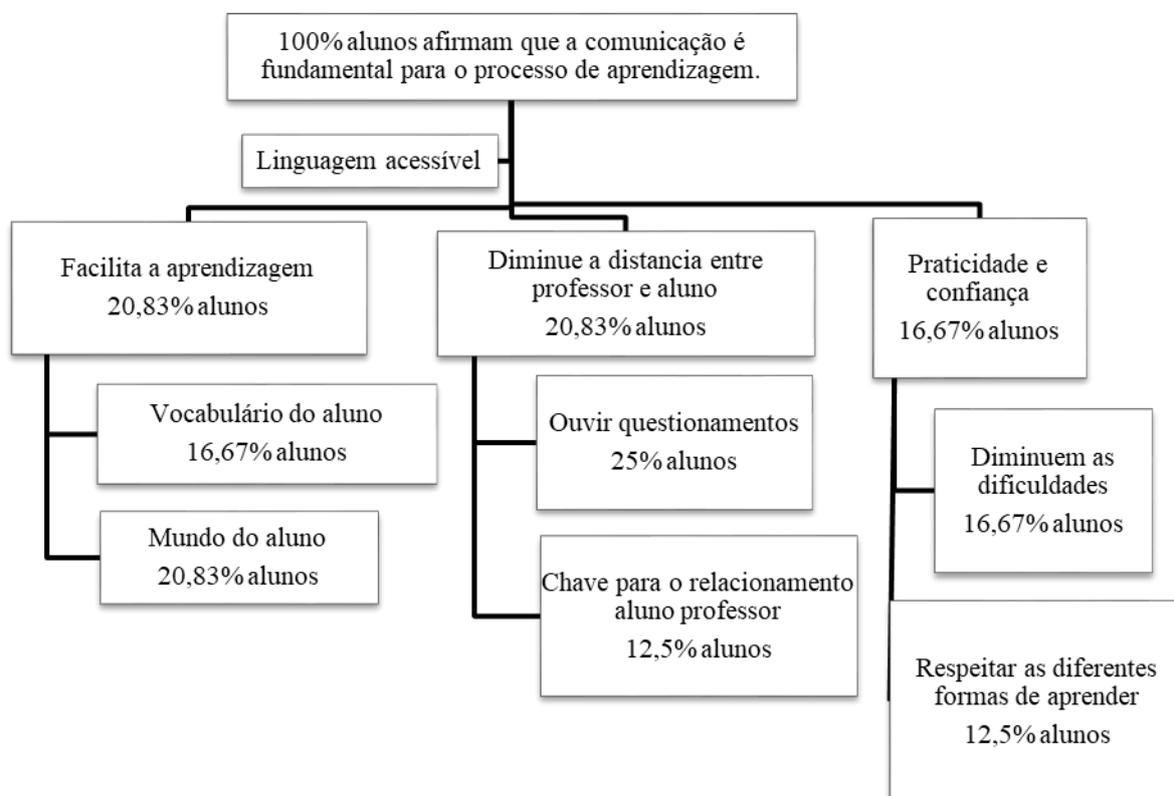
para que esta relação seja produtiva, no contexto de ensino e aprendizagem, vale ressaltar aqui a importância de se desenvolver a empatia.

No entendimento do Aluno 1, aponta que quando existem laços afetivos envolvidos “o aluno se sente mais à vontade para fazer as suas perguntas para esclarecer suas dúvidas”. Sendo assim, fica bastante evidente a facilitação do processo de aprendizagem, uma vez que conforme afirmam Doimo et al. (2012), quando a criança sente ser aceita, compreendida, valorizada e respeitada tem grandes possibilidades de se desenvolver bem em seus estudos. De acordo com tais autores a aprendizagem não se dá somente no plano cognitivo uma vez que, além da inteligência, envolve aspectos orgânicos, corporais, afetivos e emocionais.

Portanto, não basta o professor apresentar conteúdos no intuito de favorecer a aprendizagem, nem tão somente o escutar do aluno para aprender. A comunicação eficaz acontece na interação. A respeito disso, Antunes (2006), ainda reforça que o professor deve ter em mente uma busca constante e diária, pela melhor forma de trabalhar em sala de aula com os estudantes, sem que aja de maneira autoritária e nem apática.

Diante disso, a Figura 2, a qual tem seu foco, justamente, para a afetividade vinculada à comunicação. Nesse sentido, cabe enfatizar que aquilo que se diz e, sobretudo, a maneira como se diz consegue emergir sentimentos das mais diversas naturezas nos alunos, os quais podem interferir, positiva ou negativamente em seu processo de aprendizagem e na relação com o objeto de conhecimento, independentemente do nível de ensino em que o aluno se encontra (Tassoni e Leite, 2013).

Figura 2 - Representação da Categoria 1: “A afetividade e a Comunicação Assertiva”.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

A totalidade dos alunos participantes da pesquisa compreende que uma boa comunicação é fator imprescindível na relação professor-aluno, encontrando-se diretamente vinculada à afetividade, e por consequência ao processo de aprendizagem. Ademais com base nesse constructo, observa-se também que comunicação apresenta influências positivas à aprendizagem em

diversos aspectos, dentre eles: diminuir a distância entre professor e aluno; trazer mais praticidade e confiança à prática pedagógica, uso do vocabulário do aluno e outros.

Para Schaefer (2015), o educador deve usar uma linguagem atraente, capaz de aproximá-lo o máximo possível da realidade, transformando os conteúdos em vivência. Empregar o vocabulário do aluno, ou seja, buscar uma linguagem mais simples e mais próxima do seu cotidiano, é uma das “técnicas” para uma comunicação mais assertiva, e isso é muito bem explanado nas falas dos discentes, em destaque na Tabela 3.

Tabela 3 - Categoria 1 - A Afetividade e a Comunicação na Aprendizagem Significativa.

Categorização	Excertos das respostas
Linguagem Acessível	A3 – “[...] ajuda demais, porque tem umas palavras que a gente não entende muito, quando é uma coisa específica e utiliza uma linguagem que você sabe ajuda demais”.
	A4 – “[...] facilita muito, explicando com calma, ensinando com respeito, com palavras que eu compreendo, por partes sem muita pressa”.
	A7 – “[...] a linguagem técnica ¹ dificulta o entendimento da matéria, o professor tem que tentar entrar no meu mundo pra facilitar pra mim”.
	A14 – “[...] o professor de filosofia explica bem detalhadamente, a gente consegue entender e faz até a gente pensar [...] estou tendo uma paixão pela filosofia, porque faz a gente pensar [...]”.
	A24 – “[...] quanto mais clara melhor, como exemplo a forma de falar se for uma linguagem mais fácil de entender e mais compreensiva facilita muito na hora de aprender coisas novas”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O Aluno 7, afirma que “[...] a linguagem técnica¹ dificulta o entendimento da matéria, o professor tem que tentar entrar no meu mundo pra facilitar pra mim”. E ainda segundo o Aluno 3; “[...] quando é uma coisa específica e utiliza uma linguagem que você sabe ajuda demais”.

Os excertos das respostas também demonstram que o “falar com jeito” e o “falar com calma” são aspectos importantíssimos e contribuem para a produção de sentimentos de consideração e respeito. Igualmente no que se refere ao tipo de vocabulário e a clareza com que o professor fala, são considerados de grande importância para os alunos, uma vez que, o ajuda a lidar com as situações (conteúdos) consideradas mais difíceis. E, é exatamente disso, que o Aluno 4, traz à baila ao mencionar que a comunicação “[...] facilita muito, explicando com calma, ensinando com respeito, com as palavras que eu compreendo, por partes e sem muita pressa”.

Isso também é muito bem evidenciado pelo Aluno 14 ao relatar que “[...] o professor de filosofia explica bem detalhadamente, a gente consegue entender e faz até a gente pensar [...]”. Complementando tal afirmação, o Aluno 24

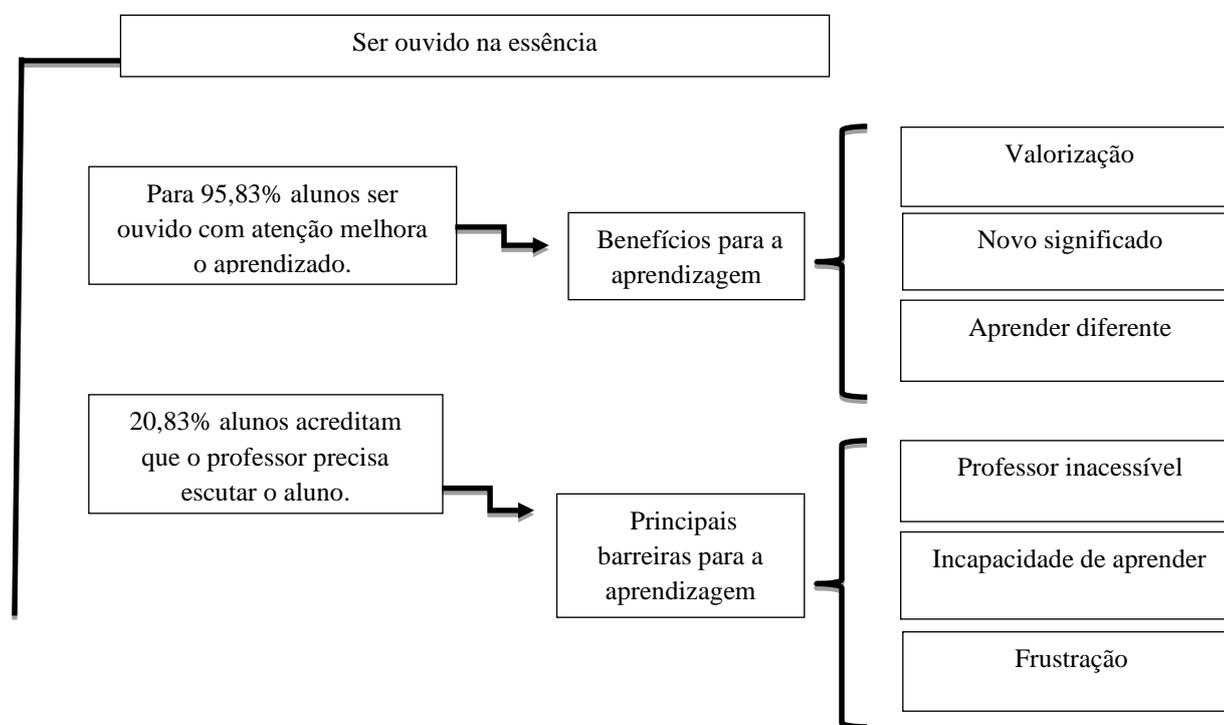
¹ A linguagem técnica tem um caráter mais científico, com signos determinados, embora encontre sua base na linguagem natural, sendo necessária também, na prática docente, para inferir, definir determinado conteúdo. Cabe ao docente, como educador, esclarecer (conceituar) ao aluno os termos empregados.

menciona que “[...] quanto mais clara melhor, como exemplo a forma de falar se for uma linguagem mais fácil de entender e mais compreensiva facilita muito na hora de aprender coisas novas”.

Neste contexto Pérez (2014), expõe que o professor é a pessoa que integrará a informação nova a antiga, dando-lhe significado, considerando a experiência referencial do aluno, o seu modo de ser e de entender o mundo, mas, sempre o instigando a expandir o seu mapa mental, a olhar além do que a vista alcança, a olhar para o mundo e tudo o que ele tem a oferecer em prol do desenvolvimento e da aprendizagem.

Diante disso, o que o professor precisa fazer é ouvir na essência para manter o foco, visto que a escuta ativa diz respeito a interpretar a linguagem verbal e não verbal do interlocutor. Neste sentido, é importante que o professor trabalhe para compreender de forma eficaz aquilo que seu aluno está dizendo e transmitindo. É pertinente dar destaque ao fato de que, o ato de “ouvir na essência”, é parte de um comportamento empático. Assim, a Figura 3, traz a representação da Categoria 2, nomeada “Ser ouvido na essência”.

Figura 3 - Representação da Categoria 2: “Ser ouvido na essência”.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na figura acima podemos observar que a maioria absoluta dos estudantes participantes do estudo (95,83%) ser ouvido com atenção proporciona melhorias no seu aprendizado. Complementando tal afirmação, em meio aos relatos de 20,83% de alunos, mencionam claramente que o professor precisa ter uma escuta diferenciada para com o seu alunado. O autor Rubem Alves (1999), em seu texto “Escutatória”, fala justamente da dificuldade em se ouvir o outro na sua essência. O autor, diz que nunca ouviu falar em cursos de “escutatória”, apenas nos de “oratória”, e, nesse sentido revela a ampla dificuldade do ser humano em escutar, pois, segundo o autor, enquanto se fala, sente-se que se é mais importante.

Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil. [...] nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade [...] a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor (Alves, 1999, p. 65).

Ouvir na essência significa prestar real atenção no que está sendo dito e também no que não está. É estar atento a tudo o que o interlocutor fala, até mesmo com o corpo para que assim seja possível entender o que ele quer dizer com profundidade.

Tabela 4 - Categoria 2 – Ouvir e ser Ouvido na Essência.

Categorização	Excertos das respostas
Ouvir e ser Ouvido na Essência	A5 - “[...] se um professor tiver explicando a gente não tiver prestando atenção não vai conseguir entender nada, então é a mesma coisa, é recíproco, ouvir e ser ouvido faz a diferença”.
	A6 - “[...] sabendo ouvir e ser ouvido se toma muito mais fácil”.
	A10 - “[...] sabendo ouvir e ser ouvido se toma muito mais fácil [...] tem professor que não escuta direito, e se não escutar, como vamos aprender [...], os professores deviam ouvir mais os próprios alunos, e se aproximar mais”.
	A11 - “pro aluno ser ouvido é necessário, porque ele não vai aprender dessa forma, o professor tem que ouvir e estar ao lado do aluno [...] ele tem que ouvir com muita atenção”.
	A13 - “[...] é realmente ótimo semos ouvidos e podemos falar sobre tudo o que aprendemos nas aulas, sobre o que erramos e também sobre o que irá ser apreendido futuramente”.
	A15 - “[...] me sinto mais valorizada e com mais vontade de aprender, porque quando eu falo e o professor me escuta, tipo fala tá certo essa sua visão, uma boa visão sua por exemplo, eu me sinto segura e agora eu quero aprender muito mais sobre esse assunto”.
	A17 - “[...] eles explicavam bem e davam atenção, o que eu não entendia, iam na minha mesa toda hora para ver se eu estava aprendendo mesmo”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Os relatos na tabela acima demonstram de forma bastante clara a importância dessa escuta mais diferenciada, mais particularizada e mais sensível por parte do professor para com cada um de seus alunos. Ser ouvido na essência nada mais é do que a necessidade que o ser humano tem, de que o outro pare o que está realizando e preste atenção no que está sendo dito. Ouvir com atenção, ouvir na essência é reconhecer no outro a paciência ativa, ou seja, atenção ao que se está transmitindo (comunicando) verbalmente (Varella 2008).

Segundo Lopes (2008), para que os alunos possam aprender de fato e busquem desenvolver um espírito cada vez mais crítico e criativo, o professor não pode ignorar o mundo em que esses jovens vivem. E para que essas proposições venham a se efetivar na prática, é de fundamental importância que o docente comece ouvindo seus alunos e passe a conhecer melhor todas as suas opiniões, anseios e sonhos.

O aluno ao ser ouvido na essência pelo professor é conduzido a uma sensação de valorização como pessoa. E, é nesse contexto que o Aluno 15, afirma: “[...] eu me sinto mais valorizada e com mais vontade de aprender [...]”, e ainda complementa “[...], eu me sinto segura e agora eu quero aprender muito mais sobre esse assunto”.

As desvantagens da inexistência dessa escuta diferenciada também são apontadas pelos alunos. No que diz respeito a isso, toma-se a sequência da fala do Aluno 10, o qual tristemente relata que “[...] tem professor que não escuta direito, e se não escutar, como vamos aprender [...], os professores deviam ouvir mais os próprios alunos e se aproximar mais”.

A escuta abre caminhos para que se possa reconhecer tanto os conflitos como oportunidades de aprendizagem nas organizações, indivíduos e sociedades. No entanto, para que esta possibilidade seja efetivada, é necessário treinar as capacidades de escuta criativa e, com elas, a competência de gestão criativa de conflitos (Moura e Giannella, 2016). Para escutar bem, escutar na essência o que o outro diz; “é importante esquecer os nossos problemas, desejos e objetivos pessoais [...]” (Pérez, 2014, p.34), mostrando-se disponível e atento para com o aluno. Ao saber ouvir na essência, um professor, favorece a capacidade de se fazer perguntas poderosas que levem à reflexão e, sobretudo ao aprendizado.

6. Considerações Finais

Os discentes participantes do estudo explicitaram diferentes interpretações a respeito dos modos de agir e de falar dos professores e como tais aspectos marcam a relação que se estabelece entre eles e os respectivos conteúdos envolvidos. Observando-se uma correspondência entre a maneira como os professores tratam os alunos nas mais diversas situações pedagógicas e os sentimentos e emoções produzidos em tais situações. Nesse sentido, entende-se a necessidade em se promover na escola um diálogo entre os professores e seus pares, com a intenção de aproximá-los para socializarem suas experiências e, em simultâneo, busquem fundamentos e deste modo possam não apenas compreender, mas buscar solucionar os problemas que irão surgir no decorrer de suas práticas.

Com os resultados da pesquisa, fica evidente que o professor precisa “aprender” a observar seus alunos, para ter certa sensibilidade para identificar em que momento o aluno precisa mais de seu apoio. Essas são medidas que, com certeza, não apenas trarão uma maior e melhor envolvimento por parte dos alunos no processo de aprendizagem, mas também, irão facilitar e melhorar expressivamente a relação entre ambos. Tal afirmação é muito bem evidenciada nos relatos dos alunos, os quais deixam claro que o modo com que são tratados, são ouvidos, os motiva e os torna mais, otimistas e interessados para novas descobertas.

O desenvolvimento da pesquisa evidenciou também que existe uma sensibilidade em relação ao tipo de mediação (modo de comunicação) empregada pelo professor, revelando como os alunos são afetados, isto é, provocando diferentes sentimentos, os quais influenciam diretamente na aprendizagem, bem como, interferem na relação com os conteúdos e na visão que cada aluno tem de si mesmo. Visto dessa forma, em sala de aula, a comunicação oral demanda uma constante avaliação e adequação por parte do professor, como facilitador da interação com o aluno. Nesse sentido, cabe também que o docente lance mão de toda a sua criatividade para que se possa estabelecer uma comunicação assertiva com seus alunos para avaliar os vários cenários presentes, tendo em vista favorecer a aprendizagem.

Em estudos futuros, considera-se importante um aprofundamento desse estudo em uma visão empática na comunicação, onde o professor ao ser empático, com seus alunos, mantém um ambiente agradável e ameno, assim obtendo melhores resultados sobre os mesmos, como: as formas de o professor ajudar os alunos, as formas de falar com os alunos, as atividades propostas, as aprendizagens que vão além dos conteúdos, as formas de corrigir e avaliar, a repercussão na relação aluno-objeto de conhecimento, a relação do professor com o objeto de conhecimento, os sentimentos e percepções do aluno com relação ao professor.

Referências

- Alves, R. (1999). *“Escutatória”*. O amor que acende a lua. Papyrus.
- Antunes, C. (2006). *A afetividade na escola: educando com firmeza*. Maxiprint.

- Ausubel, D. P. (1963). *The psychology of meaningful verbal learning*. Grune and Stratton.
- Ausubel, D. P. Novak, J. D. & Hanesian, H. (1980). *Psicologia educacional*. Interamericana.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. C. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Vozes, 17-36.
- De Paula, I. L. R. & Paula Neto, O. F. (2016). *A comunicação na transmissão do conhecimento: interação professor e aluno no processo de aprendizagem no ensino superior*. (Monografia). Faculdade Católica de Anápolis.
- Doimo, A. R. et al. (2012). *Desenvolvimento afetivo e a aprendizagem*. REUNI-Revista Científica do Centro Universitário de Jales (Unijales), Jales, 77 (5), 77-90.
- Guimarães, M. dos S. & Maciel, C. M. L. A., (2021). *A afetividade na relação professor-aluno: Alicerces para a aprendizagem significativa*. Research, Society and Development, 10(10).
- Ferenhof, H. A. & Fernandes, R. F. (2016). *Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF*. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 21 (3), 550-563.
- FONSECA, Patrícia Nunes da et al., (2020). *Engajamento escolar e sua relação com as forças de caráter dos adolescentes*. Psicol. Conoc. Soc., Montevideo, 10 (1).
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2013). *Extensão ou comunicação?* Paz e Terra.
- Freire, P. & Faundez, A. (1998). *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Atlas.
- Hilário, A. M. M. (2004). *A influência do comportamento assertivo dos professores na relação pedagógica*. (Dissertação). Universidade de Algarve-UAAlg, Penha.
- Kieckhoefel, J. C. (2011). *As relações afetivas entre professor e aluno*. Seminário Nacional de Educação. X Educere, 2533-2543.
- Lidoino, A. C. P., dos Santos, D. M., & de Arruda Reis, G. (2020). *Reflexões sobre a formação continuada de professores na contemporaneidade*. Research, Society and Development.
- Lopes, R. C. S. (2008). *A relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem*. Cadernos Didáticos PDE.
- Mahoney, A. A. & Almeida, L. R. (2007). *Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. Edições Loyola, 15-24.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia científica*. Atlas.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. Hucitec-Abrasco.
- Moura, M. S. S. & Giannella, V. (2016). *A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento*. Revista Terceiro Incluído, 6(1), 9-24.
- Pérez, J. F. B. (2014). *Coaching para docentes: motivar para o sucesso*. Editora Porto.
- Piaget, J. (1976). *Psicologia e Pedagogia*. Forense.
- Rodrigues, M. (1976). *Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano*. Mc Graw- Hill do Brasil.
- Santos, F. M. (2012). *Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin*. Revista Eletrônica de Educação, 6(1), 383-387.
- Santos, A. S. & Lopes, C. A. N. (2020). *Afetividade no Processo de Ensino Aprendizagem: A Educação Infantil na Perspectiva de Henri Wallon*. Id on Line Rev. Mult. Psic., 14 (52), 525-540.
- Schaefer, J. S. G. (2015). *Afetividade entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem*. Revista Eventos Pedagógicos – REP's, 6(2), 142-151.
- Sousa, P. B., Santos, F. C. & Valverde, C. (2016). *A influência da afetividade no processo de aprendizagem*. Revista Pedagogia em Foco, 11 (6), 168-179.
- Tiba, I. (1996). *Disciplina, limite na medida certa*. Editora Gente.
- Tiba, I. (1998). *Ensinar aprendendo*. Editora Gente.
- Tassoni, E. C. M. & Leite, S. A. S. (2013). *Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana*. Educação, 36(2), 262-271.
- Varella, A. M. R. S. & Ferreira (2008). *A comunicação interdisciplinar na educação*. Escuta.
- Wallon, H. (1968). *A evolução psicológica da criança*. Edições 70.